



Título del artículo / Título do artigo: A educação como paisagem nômade

Autor(es): Maria dos Remédios de Brito, Dhemersson Warly Santos Costa

Año de publicación / Ano de publicação: 2024

DOI: 10.63314/RSZY4389

Citación / Citação

de Brito, M. dos R. & Costa, D. W. S. (2024). A educação como paisagem nômade. *Ixtli: Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación*, 11(21), 76-92. <https://doi.org/10.63314/RSZY4389>



ALFE

**Asociación Latinoamericana
de Filosofía de la Educación, AC**



A educação como paisagem nômade

La educación como paisaje nômade

Maria dos Remédios de Brito

Professora da Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Filosofia, atua nos programas de Pós-graduação em Filosofia e Arte da mesma instituição.

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0478-5285>

Dhemersson Warly Santos Costa

Professor da Secretaria Municipal de Educação Altamira-PA, doutor em educação em Ciências (IMCI-UFPa).

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1412-9142>

Resumo - Resumen - Abstract

O presente ensaio tem como provocação a possibilidade de construção de uma paisagem nômade da/na educação como enfrentamento à máquina de codificação sedentária, enraizada pelos modos práticos e curriculares que atravessam o espaço da educação e da escola. Como pode ser criada uma paisagem nômade na educação? Como

El presente ensayo tiene como provocación la posibilidad de construir un paisaje nómada de/ en la educación como confrontación con la máquina codificadora sedentaria, arraigada en los modos prácticos y curriculares que atraviesan el espacio de la educación y la escuela. ¿Cómo es posible un paisaje nómada en la escuela y la educación?

The present essay provokes the possibility of constructing a nomadic landscape of/ in education as a way of confronting the sedentary coding machine, rooted in practical and curricular modes that cross the space of education and school. How can a nomadic landscape be created in education? How to live at school? How to

habitar a escola? Como abrir corpos para outras formas de vida na/ pela educação? Como permitir que o corpo da criança não morra no interior da escola? O ensaio tem como inspiração a Filosofia da Diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, além de comentadores. As provocações que atravessam o ensaio não têm a pretensão de construir modelos, antes modos de experimentar, ou um convite para habitar o espaço da escola e da educação com um corpo político e estético.

¿Cómo se concibe este paisaje? ¿Cómo habitar la escuela? ¿Cómo abrir los cuerpos a otras formas de vida en/a través de la educación? ¿Cómo permitir que el cuerpo del niño no muera dentro de la escuela? El ensayo se inspira en la Filosofía de la diferencia de Gilles Deleuze y Félix Guattari, así como comentaristas. Las provocaciones que recorren el ensayo no pretenden construir modelos, sino formas de experimentar, una invitación a habitar el espacio de la escuela y la educación con un cuerpo político y estético.

open bodies to other forms of life in/through education? How can the child's body not die inside the school? The essay is inspired by the Philosophy of Difference by Gilles Deleuze and Félix Guattari, as well as commentators. The provocations that run through the essay do not intend to build models, but rather ways of experimenting, or an invitation to inhabit the space of school and education with a political and aesthetic body.

Palabras clave: Paisaje nómada; Sedentario; Educación; Escuela; Niño.

Palavras-chave: Paisagem nômade; Sedentarismo; Educação; Escola; Criança.

Keywords: Nomadic landscape; Sedentary lifestyle; Education; School; Child.

Recibido: 14/01/2024

Aceptado: 25/04/2024

Para citar este artículo:

Remédios, M. & Santos, D. (2024). A educação como paisagem nômade. La educación como paisaje nômade. Ixtli. Revista Latinoamericana de Filosofía de la Educación. 11(21)

A educação é um tema de interesse daqueles que governam as cidades. Quando oficializada pelos sistemas governamentais não deixa de seguir os programas e metas para a construção do bom e reto cidadão. Indo de encontro a essa perspectiva, o trabalho que se pretende argumentar é que pode ser possível construir outras variações para pensar a educação ou mesmo a escola por vias de uma paisagem nômade, fora dos aparatos sedentários. Mas, o que seria essa paisagem nômade na/da educação? Como poderia ser produzida? Apresentaremos uma escrita no formato não conclusivo, portanto, aberto, fragmentário, como exercício de construção de uma ideia. O percurso será inspirado pelo pensamento da diferença de Gilles Deleuze e Félix Guattari, tendo como entusiasmo criador os textos “Platô 1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra” (*Traité de nomadologie: la machine de guerre*) presente na obra *Mille Plateaux* (2012, 1980), e “O que dizem as crianças” (*Ce que les enfants disent*) presente na obra *Crítica e Clínica* (2011/1993), além de alguns comentadores. Nômade será o conceito movimentado neste ensaio, tomando como imagem fundamental, a criança, pois somente essa paisagem pode levar às últimas vias de enfrentamento a educação representativa que ronda o espaço da escola.

Não há como negar que a educação, em sua imagem formal, é um território programado, demarcador de corpos (Carvalho & Gallo, 2022). Sua máquina de codificação são os currículos, os documentos oficiais, a linguagem, a linguagem corporal desenhada pelos processos de condutas, visando políticas que atravessam o campo operacional. Algumas vezes essa imagem nos dá a impressão de que escola e a educação estão fora de lugar, parece que alguma coisa foi perdida ou capturada, principalmente diante do cenário da educação atual, com cortes de verbas e reformas curriculares, exigindo de cada professor/a um compromisso ético, político e estético diário com a sua prática, para não fazer da educação instrumentalização efetiva dos corpos, especialmente os das crianças, que são capturados cotidianamente pelas telas dos celulares, dos tablets, das televisões, dos computadores e por diversas imagens produzidas pelas novas tecnologias. Cada vez mais o/a professor/a deve ocupar um lugar e um papel especial, uma figura de maior importância educativa à criança, aos jovens, aos interessados no saber escolar. Para tanto, a sua própria imagem deve ser invertida, retirando o/a professor/a do/a mera imagem de instrutor/a ou figura ligada à esfera

produtiva-capitalista, e tornar engajada a sua função de educar, ter emoção por sua matéria, empenho com o ensinar, tomar o seu ofício pelas mãos, dedicando-se aos seus conteúdos, explorar sua entrega, liberando, de certa forma, a si mesmo dos processos instrumentais, ou mesmo da política e da sociedade, permitindo o seu corpo investir em expressividades novas. Assim, pode construir vazios para si e possibilitar os mesmos para as crianças, para seus alunos, libertando-se dos poderes tristes, das velhas fórmulas, dos velhos modelos, ainda que tudo isso seja, de algum modo, uma mera imagem ideal, mas sendo necessário investir em outros sonhos, em outros processos, em outros modos de pensamentos para que a escola, a educação não perca definitivamente o seu propósito fundamental: a formação¹

Portanto, esse/a professor/a carece lembrar que não têm alunos como propriedades, e para uma imagem nômade na/da educação² sua figura se aproxima de um viajante, aquele que entra em uma cidade, vilas, casas, moradas, sem saber efetivamente qual a cultura, os modos de vidas, mas estando atento, caso se interesse e seja aplicado, a capacidade de sentir, de escutar, de viver um mundo que se apresenta junto com seu corpo; pois, o professor/a também é uma criança, aberta ao mundo, de algum modo, pois sem lugar, sem terra fixa é aquele/a que pode cair fora da ordem imposta, pois pode desestruturar, desestabilizar ou tornar alguma coisa inoperante ou fazer de outro jeito, esse/a professor/a viajante pode ser encontrado/a na escola, ainda que seja raro, mas não impossível. Assim, indaga-se: O que seria o nômade? O que seria esse professor nômade? O nômade é um modo de habitar, de se deslocar, como sugere Deleuze e Guattari em *Mil Platôs*, (*Mille Plateaux*) (2012, 1980), particularmente no “platô 1227 – Tratado de nomadologia: a máquina de guerra” (*Traité de nomadologie: la machine de guerre*, 1980), que diz respeito, de um lado, ao um modo de vida errante, pois o nômade é um andarilho sem destino, um viajante que, segundo Alexandre Filordi e Silvio Gallo (2022, p.294), “move-se sem ter aonde chegar. Move-se por mover-se; move-se por compreender que a vida é movimento”, por isso não possui morada fixa, ele faz do território um meio, um espaço aberto;

¹Entendida fora dos processos teleológicos, ou modelagem utilitárias que tendem a formatar um sujeito para determinados fins específicos e objetivos, para além da governabilidade das condutas, dos gestos ou da gestão das riquezas e dos bens, uma formação que permita com que o corpo produza experimentações, alargue os sentidos e os processos de singularizações, aberta aos encontros, aos intercessores para daí surgir um outro corpo, um outro pensamento, uma outra forma de vida.

²Trataremos dessa questão adiante para um melhor entendimento do que se pretende defender a respeito da criação de uma imagem nômade na/da educação.

meios de se deslocar no espaço e efetuar encontros.

Essa imagem nômade na educação não serve à ordem econômica, pois o/a professor/a não tem a educação, o ensinar e o aprender como instrumentos prontos, formatados (Brito & Costa, 2021), ao contrário, que se coloca como um experimentador/a e ao mesmo tempo profanador/a. Seria isso que o seu corpo pode incorporar, pois esse modo de vida não é uma arte copiada, dada, mas construída na prática diária em sua relação com os espaços pedagógicos, com os jovens, com sua prática educativa. Sendo assim, é uma imagem que está para ser apagada, superada ou redesenhada, não é para permanecer, mas para acontecer. É essa imagem do “chamado”, o que vem, o que acontece, o que dá, esse modo de existir que se mantém alerta, atento ao mundo. Não é uma imagem fácil a ser construída e nem mesmo solicitada pelos espaços regados as instrumentalizações.

II

Dominar a técnica é sempre estar em atenção à escola, à educação, ao aluno, à aula, ao conteúdo, para que algo possa existir, para que o pensamento possa ter sua força de fazer mundos e trazer o mundo para próximo de si e dos outros, essa entrega que só pode acontecer quando há transbordamento e não falta, na prática do ensinar, quando há ação e não somente passividade.

A escola e a educação mais do que nunca devem fazer o seu papel, que é deixar o corpo das crianças vivos, possibilitando aberturas de um tempo próprio, livre, para que esse corpo entre em conexões com a sua potência imaginativa, com a sua potência de abrir encontros múltiplos e diversos com a criação, portanto, criar maneiras para que esse corpo possa habitar a escola.

O desafio do/a professor/a é fazer o corpo da criança não morrer no interior do espaço educativo e também não deixar a criança que nos habita ser engolida pelo mais fácil, pois para o nômade tudo é uma questão de como se habita o mundo, como se produz encontros com os mundos para que se crie outras formas de tempo e de espaço, que não estejam metrificados, linearizados ou muito menos cronometrados, outras vezes comercializados e monetizados (Deleuze & Guattari, 1980). Portanto, há um convite para o

entusiasmo, pois não há como ensinar e muito menos aprender sem emoção, sem desejo. Sabemos que os espaços escolares estão imbricados em imensas variedades de modos de vida, o que nos leva a perguntar: Como habitar a escola? Como abrir corpos para outras formas de vida na/pela educação? Como permitir que o corpo da criança, por exemplo, não morra?

III

...construir as margens por onde um fluxo possa correr...

(Deleuze, 2011, p. 83)

Já sabemos que a máquina do ensino obrigatório formal impõe à criança coordenadas semióticas binárias, autoritárias, mecanicistas e funcionalistas (Koan, 2000). Uma educação implicada por uma constante: homem-civilizado-cidadão bem-comportado, corpo-controlado, linguagem e suas regras. Neste modelo se injeta no corpo o comando, a lei e a obediência. A escola, nessa perspectiva, oferece como via prioritária o caderno, a caneta, a memória, o sucesso, a profissionalização, as competências, pois as reformas curriculares que aconteceram de modo recente na educação cheiram os formalismos demasiadamente técnicos, capturados pela máquina capitalista.

A educação não para de produzir o rosto-homem (Brito, 2017), este que é educado, que se comporta, que diz “sim, senhora!”, “sim, senhor”. Educado também é o homem que anda ao invés de correr, que escuta o barulho da sirene e olha o relógio, que caminha olhando sempre para frente, que acorda muito cedo para não perder a contagem dos minutos para passar o cartão de vigilância na máquina. A escola trabalha com os conhecimentos científicos, matemáticos, agora, quase nada de ciências humanas e pouco conteúdo de filosofia, aliás, o pensamento filosófico, propositadamente, na base curricular brasileira, foi quase assinado, há também uma educação corporal, aprende-se a sentar, a vestir-se, a comer, o corpo da criança é modulado a ser homem educado e civilizado. Educar para ser cidadão, apagar na criança no seu sentido mais profundo, sua alegria, sua inventividade, suas perguntas, seus trajetos nômades.

Aprende-se tudo isso, quantas vezes forem necessários, punido até não

errar novamente, até que se tenha um rosto, até que se diga: “eu sou, homem cidadão bem-comportado, civilizado, sedentarizado”, até que não se enxergue mais um risco de animalidade. Em prol da criança domesticada, ainda há o trabalho para que o desejo seja castrado e tudo volte para a família, para os braços do pai ou para o colo da mãe (Deleuze & Guattari, 1980). O que essa imagem nos faz pensar é que a educação produz coordenadas semióticas, despóticas, sistemáticas e utilitaristas que controlem a criança, que atravessem o seu corpo e seu pensamento. O que passa por aí é o rosto do homem dócil. A educação, com isso, passa por obedecer a comandos, cumprir a lei, executar ordens, tal como experimentou, com seu próprio corpo, Daniel Pennac, quando captura em Diário de Escola (2008), uma máquina pedagógica voltada para a lei, para o corpo mecanizado, para o corpo obediente, um corpo que aprende a fazer como o seu mestre e não com o seu mestre, este que ensina aquilo que pode ser útil para o mercado, para o sistema capitalista. Há aí uma paisagem de uma educação sedentária, aquela que pressupõe que só quem pode ser educado como um bom cidadão pode ser integrado na cultura e na sociedade.

Com isso, a educação se torna um marcador de poder daqueles que se interessam pelos corpos mecanizados e ou mesmo por corpos conduzidos por habilidades e por competências que possam ser de serventia mercadológicas, corpo-órgãos, organizados, controlados em uma experimentação da frieza e da rotina. Porém, não deixemos de perceber o paradoxal na educação, pois o corpo que foi programado pode se reestabelecer e fazer movimentos, dependendo, claro, da maneira como ele deseja habitar a escola, portanto, sem os dualismos deterministas ou separações fixadas, o que nos dá o motivo para desejar sonhar, mesmo quando, segundo Deleuze e Guattari (2012, p.13), a “educação ordena a vida, a vida não se exprime, a vida não fala, ela escuta e guarda”. Ainda assim, as suas filosofias provocam esse campo percorrido pelo espaço sedentário, quando nos possibilita pensar outros modos de experimentar a educação e até mesmo a escola.

Essa terra da educação formal, aparentemente controlada, tem agitação, as tentativas de fincá-las em solo sólido experimentam certas condições para o fracasso e há fendas para o pensamento nômade, lá ele se remexe, faz pressão, tem força e fogo, entre seus embates e forças podem surgir, outra paisagem diante daquela decretada triste e sem vida.

Então, quando se pensa em uma paisagem nômade na e da educação, é exatamente por sentir e perceber a presença de uma educação que esteja

além de um solo eminentemente empírico, ordinário, havendo configurações dinâmicas de encontros imprevisíveis que são capazes de arrastar a terra da educação para o deserto, para o rio, para a floresta, para os gritos dos pássaros, reconduzindo os ritmos e produzindo outras melodias.

IV

[...] a necessidade da distinção a mais rigorosa entre sedentários, migrantes, nômades, não impede as misturas de fato; ao contrário, torna-as por sua vez tanto mais necessárias. E não se pode considerar o processo geral de sedentarização que venceu os nômades sem ter em vista também os acessos de nomadização local que arrancaram os sedentários, e duplicaram os migrantes

(Deleuze & Guattari, 2012, p. 57)

A ideia de paisagem que compõe o pensamento nômade, é esse que compenetra o meio, configurando assim sua operação maquínica, pois não sendo um método, quem sabe, um esforço ou uma disposição para a experimentação, se faria como um plano de composição em que a educação tomaria um movimento de criação, um novo pode emergir em traço da repetição e diferença, ou mesmo aquilo que se pode chamar “repetir, repetir outra vez”, pois não é uma questão de conceder, mas conceber. Conceber outros modos de pensar a educação. Assim, o pensamento nômade na educação seria por certo uma linha de resistência aos programas de controles do corpo, do pensamento, pois o nômade faz um trabalho pelas aberturas, pelas zonas, pelas linhas de desejos e de conexões, e por essas zonas não há um dado a ser decifrado ou definido em um estado de coisas que se estabelece em sua forma definida ou dada em naturalidade, há aí um espaço intensivo, em variação, em diferenciação. Dessa maneira, o pensamento nômade entra em um campo de virtualidades, pois os modos de existir confirmam intensidades e movimentos que se compõem por variedades. Seus modos estão nos encontros e em suas forças, assim como as questões da qualidade da potência, nos seus movimentos, que são de latitudes (afetos/encontros) e de longitudes (movimentos de velocidades, lentidões e repouso).

V

Uma educação pela pedra: por lições; Para aprender da pedra, frequentá-la; captar sua voz inenfática [1], impessoal (pela de dicção ela começa as aulas).

(Melo-Neto, 2012, p. 37)

Nomadizar o pensamento, somente assim pode nascer o nômade (Freitas, 2020). Os conceitos, assim como a prática nômade, são aberturas para o exterior, o corpo posto em uma relação com o espaço infinito, sendo que as demarcações fixas vão, de alguma forma, sedentarizar o modo de pensar e existir. Sedentário e nômade são processos, linhas de forças que podem se cruzarem, se sobreporem e até mudar de rotas. Essas linhas nômades e sedentárias se ocupam de espaços e meios distintos em certos tempos. De toda forma, em sua radicalidade, o que diferencia o nômade do sedentário são seus ritmos, seus graus de movimentos, suas velocidades, suas potências vitais, suas lentidões (Freitas, 2020).

Se pensarmos uma velocidade intensiva, o sedentário se desloca em grau zero em relação à imagem nômade. E o sedentário não é efetivamente aquele que não tem mobilidade, mas aquele em que seus movimentos têm limites descritos, prescritos, delimitados o “nômade, por seu turno, é aquele cujo repouso consiste apenas em um momento do movimento, e, ainda que não se mova, desloca o espaço em que habita (Freitas, 2020). “Nômade não é aquele que muda constantemente de lugar, mas quem, permanecendo no mesmo lugar, muda o simultaneamente” (Freitas, 2020, p. 11). Deleuze e Guattari (1980) nos instrui que o nômade, para permanecer em certo lugar, também precisa saber partir, fazer voos, criar casas distantes, desabitar para habitar, sendo necessário que nesse deslocamento o espaço vazio se faça latente e intensivo, com graus de potências, de qualidades e de grandezas, variáveis distintas, mesmo que os movimentos sejam no mesmo lugar.

Uma paisagem nômade intensiva vem com zonas de indeterminação, sua expressividade percorre o afetivo, o acontecimental. As paisagens nômades e sedentárias não podem ser de toda forma distintas em definitivo, pois sendo assim, o marcador de fundo entraria em uma imagem sedentária. Nomadi-

zação e a sedentarização não são categorias fixas, como dito, são processos, linhas que atravessam diferentes paisagens, povos, sujeitos, existências, terras, florestas, rios, matas profundas, quilombos, comunidades, aldeias.

Neste sentido, a aposta nesta paisagem nômade da/na educação não está dada, antes, sendo necessária ser criada ou pensada no cotidiano diário da escola: esse parece ser o desafio do/a professor/a que se coloca neste exercício de movimentação, de experimentação de si mesmo/a, pois não há o sedentário e nem o nômade efetivamente puros, nômades e sedentários compõem modos de existências e suas distinções, configurando estilos de ocupação dos espaços ou como habitam os lugares, como se movimentam entre os meios, entre vidas e fazem emergir modos de existências outros (Deleuze & Guattari, 1980).

Há nesses processos ritmos, que são: velocidades, lentidões, repetições, diferenças, qualidades, formas de chegar e de partir, maneiras de viver e de conviver nos/ com os espaços; portanto, há modos estéticos que compenetraram o espaço da escola a partir dessas paisagens, e quando a educação entra por essas zonas, há modos de pensar e de fazer educação, exigindo pensamentos e estilos de povoar os espaços escolares, modos de estar professor/a. Como os corpos se relacionam, como se posicionam, como se diferenciam.

Fazer ou criar paisagens nômades na/da educação é produzir outras experiências que não estejam ligadas à petrificação dos corpos ou assujeitando-os as estruturas e conformismos que os levem de bandeja ao funcionamento do capital, ou os façam autômatos. Com isso, as experiências que são convocadas por essa paisagem, que nunca é da ordem do preparado, como uma presença harmonizada ou homogeneizada, mas as formas de conteúdos compõem singularidades, diferenciações. As expressividades que acompanham são traçadas e trajetórias, a partir de conexão, dinâmicas, suportando o ordenamento substitutivo da forma-matéria, levando o espaço da educação para coordenadas sensíveis às forças operadoras das singularidades, se desligando das coordenadas objetais e esquemáticas.

Portanto, há uma exigência diária para aqueles/aquelas que estão dispostos a fazer da educação um trabalho de reinventadas maneiras de escutar sons, vozes, melodias, ou mesmo perfurar lugares... um/a professor/a colorista, criador/a de sonhos, produtor/a de desejos. A paisagem nômade na/da educação traça caminhos para o qual cada um possa conduzir a sua própria

viagem, sem que se veja com isso a falta de compromisso ou ética com a prática educativa, mas a possibilidade de pensar, criar e produzir liberdades, nesse esforço diário de fazer a vida viver no espaço da escola.

É um convite para povoar o espaço da escola como terra heterogênea, fazendo da escola efetivamente um meio de aberturas reais de portas, conectores de pontes, de zonas, mas também desconectares de zonas, ou mesmo desvios, uma cartografia dinâmica em que o corpo do/da professor/ra, do/da aluno/a, da criança sejam um mapa inventivo e intensivo. O/a professor/a está em risco, fazendo da sua prática, uma ação precária, inacabada, em que o corpo esteja à espreita para captar em flagrante delito o fabular, ali onde o espaço está, de algum modo, cheio de rasuras, de abismos, de incertezas, onde a vida se faz em expansão.

São melodias, ruídos, pausas, pulsações, intuições, esperas, pressentimentos, sonhos, armadilhas de um caçador que estão em volta, isso tudo, uma espécie de plano, ou um meio para compor mundos, em alerta para capturar uma dobra ou criar dobra sobre dobras ou se desdobrar, ou como modificar o espaço da escola que parece ser um lugar que provoca medo naqueles que sabem que o pensamento pode, a qualquer momento, ser atravessado por um vulcão. É interessante ficar em alerta, pois ter um corpo bloqueado e cristalizado é um esforço também da escola, a fim de que o desejo produtivo revolucionário não se apresente; mas insisto, ali há povo, vitalidade, habitantes da terra, do mar, da floresta, do deserto, dos igarapés, das periferias, dos quilombos, das terras indígenas, dos sertões... e esse povo não cessa de aparecer, esse povo não cessa de descontrolar os espaços rígidos, eles mesmo são as máquinas da terra.

Como se constrói um espaço aberto na educação, como se cria ou impede certos modos de vida, como se prove rachaduras, vazamentos e saídas? Quem sabe com o corpo em flagrante delito, com um corpo disposto a fabular outros modos de existências, ainda que sejam mínimos, pois a paisagem sedentária se faz pelo gesto fixo e repetitivo, aí parece plasmar uma imagem dogmática, mas o nômade não é uma característica, uma categoria, um modelo, mas um modo de existir em meio às transformações/transfigurações que se pode fazer.

Essa paisagem gesta uma arte do corpo e dos espaços que tomam os trajetos e os devires intensivos e extensivos guias ou “montículos de pedras trazidas por diferentes viagens e por pessoas em devir (mais do que regres-

so), pedras que dependem ou não de um mesmo autor” (Deleuze, 2011, p, 78). Assim, a escola não é espaço arqueológico da educação, ao contrário, na paisagem nômade, as origens, o subterrâneo, as escavações, as memórias da dor, do castigo, da dívida, da culpa e do ressentimento, poucos lhe interessa, sendo uma paisagem cartográfica que repousa sobre a dobra do esquecimento alegre, atravessadas por caminhos, por viagens, por curvas para aprender o modo nômade de existir e viver. Diria que experimentar é importante, pois aí se encontra o deserto, o rio, a pedra, o animal, a mata profunda no pensamento quando também se exercita o que não é demasiadamente humano... O esquecimento alegre é tão somente a abertura para fazer passar, para descoagular o sangue, devolver a memória das florestas, dos animais, das geleiras, das escolas, das crianças, dos professores, das professoras, dos alunos e alunas para saber o que se faz aqui, no agora. Não é uma questão de buscar a origem, mas produzir deslocamentos possíveis com a vida naquilo que tenho, com aquilo que posso, no território que vivo no qual posso desterritorializar para gestar outros modos de ensinar. Com isso, não é uma questão de encontrar a profundidade ou a essencialidade do nômade ou mesmo do sedentário, antes pensar como uma paisagem nômade constrói gestos, afetos, como se movimentam no espaço e como agitam outros modos de vida no chão da escola e ou na/da imagem educação.

VI

Há tantas auroras que não brilharam ainda
(Nietzsche, 2011, aforismo 9)

As crianças sabem nos introduzir em certos intervalos temporais, e mesmo nos abrir territórios, deveríamos aprender com as crianças, digo, nós, professores/as, elas têm todo um modo de existir que nós insistimos em despedaçar, formatar, em domesticar por vias de castigos, punições, falas autoritárias, produzindo uma memória corporal que seja tão forte que penetre o corpo e o pensamento da criança para formar a memória da culpa; a linguagem é a maior matriz para essa pedagogia do corpo domesticado, essas práticas deixam efeitos no corpo da criança de forma imensurável, na tentativa de impedir os seus movimentos.

Aprender com a criança é o desafio dos professores/as e das escolas. O corpo da criança é abertura, o que nos permite dizer que é paisagem nômade por excelência, em sua máxima potência de agir, pois a criança é variação que ultrapassa limites predeterminados, ela insiste em seu desejo e o seu pequeno corpo é rio, é fogo, no seu estado mais imperceptível para a alegria. É porque a criança não abandona a pergunta ou não pergunta pelo começo, ela sempre está no meio, entre as travessias ou mesmo em partida. A criança extrai sons, cores, movimentos, por todos os lugares; o seu organismo está em estado de desorganização, sempre em vias de produzir um outro movimento. Por entre o seu corpo, há um modo de esquecer que a coloca com essa capacidade de imprimir vibrações, mas a escola apressa a memória.

Em seu corpo, habita um não humano, como se seu pequeno corpo estivesse soltando partículas sonoras, ritmos. Corpo-indiscernível, confundindo os processos sedentários por todos os lados. Sendo assim, a criança é paisagem, árvore, floresta, deserto. Nada aí é representação, mas um devir, um meio, uma territorialidade, desterritorializada. O seu corpo é uma zona nômade. Esse corpo-criança é um bloco de infância, um bloco perceptivo, um bloco de afeto, é também uma paisagem-cartográfica.

O corpo da criança é variação, pois em seu esforço de existir e de agir, há aí todas as misturas possíveis, corpo lento e agitado. Nesse entretempo, a criança conquista e amplia seu mundo ou mesmo salta de uma coisa para a outra, repetindo canções. Por isso, ela exercita toda a capacidade de um corpo plástico, tendo habilidade de abrir conectores, ao mesmo tempo pular fora deles. A criança se conecta com a terra, com as nuvens, com o ar, realiza movimentos de toda ordem, agenciando uma heterogeneidade de combinações, transformando o espaço em cadências variadas, repete certos ritornelos ou os elabora. Esse corpo em devir intensivo não faz reversões, pois já é em seus movimentos, o que nos mostra uma paisagem nômade em sua força intensiva, as duras estratificações não se submetem em demasia pelo seu corpo, já que a criança não vive um corpo organizado, ela enfrenta os órgãos, enquanto o corpo do adulto sofre para fazer para si um corpo sem órgãos.

VII

Uma pequena menina corre para lá e para cá no espaço da escola, ela acaba de entrar nesse espaço para iniciar suas atividades escolares do dia, entrava com seu pequeno corpo entre os brinquedos, pulava entre as cadeiras e mesas, descia as escadas e as subia, corria para o parque da escola e saltava do escorrega, voltava para a sala de aula, sentava e levantava da cadeira, a professora percorria seu corpo com os olhos, a pequena menina pegou um carrinho que estava na prateleira de brinquedos e fazia movimentos com ele pelo ar, e fazia sons pela boca, entra, se transforma em carro, criança-devir-carro. Parou e olhou para a mãe que ainda estava no interior da escola, perguntou puxando a barra da saia: Por que o céu é azul? Por que as nuvens não caem? A mãe ficou de joelhos para olhar a pequena e ficou com os olhos arregalados e voltou a perguntar: O que estás dizendo? Podes repetir? As mesmas perguntas voltam a ser feitas pela pequena criança. Em outro momento, a menina conversa com uma boneca e depois pede para a boneca conversar com ela, que deixa de ser a menina para se tornar a boneca. A criança não faz mundos, ela é todas essas multiplicidades de mundos.

A criança desenha à sua maneira, tateando o mundo com seus estranhamentos, que não se confundem com a tolice, com a bestialidade, mas com um modo de habitar o mundo, havendo toda uma política da existência. Para a criança, o mundo é desconhecido, não há natureza do desenho, não há reconhecimento de coisas, não há animais que não possam ser inventados; então, ela explora o meio, faz suas travessias, toca e é tocada quando algo estranho lhe convoca o olhar, a atenção.

A criança é um viajante em seu próprio caderno, em seu próprio corpo, em sua imaginação, faz suas travessias experimentando, coletando tudo aquilo que a afeta. Das suas coletas surgem as inventividades: uma parede se torna um caderno de desenho, o jardim da escola é uma floresta habitada por monstruosidades, um lápis e uma folha são aberturas para o mundo. A criança desdobra e explora o mundo, implica-se em travessias, seguindo uma espécie de mapa dos afetos, abrindo e saindo pelo meio, qualquer espaço vazio é um trajeto possível de ser empreendido.

Com seus pequenos gestos, a criança abre o mundo para o campo da invenção. Nietzsche já ensinava, em Assim Falou Zaratustra (2011), que

o corpo da criança é produção de movimentos inventivos, a criação como modo radical de existir. Pensar em uma paisagem nômade da educação trata-se, sobretudo, de habitar esse território criativo, fazer ressoar zonas de vizinhanças, criar histórias, cenários, singularidades.

Em seu caderno, a criança faz um mapa, percorre os meios, produz rizoma, uma cartografia do desejo. A potência da criança é como manifesto criador, com suas linhas de fugas que os dispositivos de poder não cansam de tentar represar, estancar, enclausurar ou matar.

O controle dos corpos é fundamental para o processo educativo moderno e precisa ser imediato, já nos primeiros anos escolares. O professor chega na sala de aula, pede que os alunos façam silêncio, organiza as cadeiras, separa os bagunceiros, faz acordos e contratos pedagógicos com vistas à ordem. Mas a criança, diz Deleuze (2011, p.50), “não para de dizer aquilo que faz ou que tenta fazer”.

Uma sala de aula é território disciplinar, é o lugar das leis e da castração, mas a criança, pelo menos aquela que ainda não foi rostificada pela forma homem, não conhece os limites da lei, o que é um bom comportamento, como se portar. A sala de aula é um meio, o único meio possível, dadas as condições disciplinares escolares. A criança explora a sala de aula, de um lado para outro, de carteira em carteira, produz um mapa, seus movimentos são trajetos dinâmicos, que não funcionam segundo a dualidade carteira-mesa do professor.

A criança percorre todos os espaços, faz habitação e inventa histórias. Suas mãos vão tateando os objetos, toca a mesa do/a professor/a, toca os colegas. Seus olhos vão explorar o ambiente, nenhum detalhe lhe passa despercebido. Se um corpo ou objeto lhe é estranho, a criança, sem qualquer intimidação, pergunta: “o que é isso?” Ela se senta no chão, corre, risca a parede, risca a cadeira, faz da sala uma passagem, um mundo dissonante. A criança se implica nesse mundo porque ele é desconhecido, misterioso, é um convite ao aprender. O adulto, bestializado pelo processo pedagógico, assiste a tudo com autoritarismo, ordena que a criança sente, que faça sua tarefa, que faça silêncio.... A criança desobedece, é castigada, seus pais são comunicados. No outro dia, retorna para continuar a fazer seus mapas, diante de uma constelação de afetos que lhe causam atenção. E o processo se repete até que a criança não faça mais deslocamentos, que seu corpo seja engessado, que não seja mais capaz de inventar.

A escola é um meio, segundo Deleuze, “de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos” (2011, p. 73). Por exemplo, a escola com seus professores, seus corredores, seus barulhos, suas bibliotecas, seus diretores, suas crianças correndo no pátio, há trajetos, diz Deleuze (2011), e tais trajetos não podem ser somente confundidos com as subjetividades dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este se reflete naqueles que o percorrem. Portanto, tudo é uma forma de como se habita o meio e como se deixa ou não o trajeto a ser feito ou sentido. Como afirmar esse mundo da criança? Como não deixar morrer a criança e aquela que nos habita para fazer passar no território da escola vida? Eis aí o desafio que a paisagem nômade nos convoca.

Referências

Brito, M. D. R. (2017). Rostidade e Educação. *Arteriais-Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, 3(5), 142-152.

Brito, M. D. R., Costa, D. W. S. (2021). Inspiração deleuziana: sobre o aprender e a decepção. *APRENDER-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação*, 1(25), 84-93.

Carvalho, A. F., & Gallo, S. (2022). *Do sedentarismo ao nomadismo: intervenções do pensamento das diferenças para a educação*. São Paulo, SP: Fino Traço Editora.

Deleuze, G. (2011). *Crítica e clínica*. São Paulo, SP: Editora 34.

Deleuze, G. (1997). *Critique et clinique*. Minnesota, MI: University of Minnesota Press, 1997.

Deleuze, G., & Guattari, F. (2012). *Mil platôs-vol. 5 (Vol. 5)*. São Paulo, SP: Editora 34.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1980). *Mille Plateaux: capitalisme et schizophrénie*. Paris: Éditions de Minuit.

Freitas, F. A. C. (2020). *Cartografias nômades: ensaios de estética e antropologia*. São Paulo, SP: MILFONTES Editora.

Kohan, W. O. (2000). Subjetivação, educação e filosofia. *Perspectiva*, 18(34), 143-158.

Cabral de Melo Neto, J. (1975). *Poesias completas*, São Paulo, SP: Editora José Olympio.

Nietzsche, F. (2011). *Assim falou Zaratustra*. São Paulo, SP: Editora Companhia das Letras.

Pennac, D. (2008). *Diário de escola*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.